

# ENTRE O ALTAR E O ALGORITMO: A BANCADA BBB E A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS PROFÉTICOS DIGITAIS NO BRASIL



<https://doi.org/10.22533/at.ed.289112507038>

*Data de aceite: 26/08/2025*

### **Everton Nery Carneiro**

Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Professor da Rede de Ensino da Secretaria Municipal de Igrapiúna. Pós-doutor em Educação (UFC); Pós-doutor em Crítica Cultural (UNEB); Doutor e Mestre em Teologia (EST); Especialização: Educação, Desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento); Ética, Educação e Teologia (EST); Graduação: Geografia (UEFS); Filosofia (UNIPLENIA); Teologia (Faculdade Batista Brasileira) e Pedagogia (Centro Universitário Cidade Verde). Membro do GEPERCS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde); Professor Permanente do Programa de Pós-graduação Profissional em Intervenção Educativa e Social (UNEB – Campus XI). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (UNEB – Campus I). Coordenador do CEPICR (Centro de Estudos e Pesquisas Internacional em Culturas e Religiões). Líder do GPEARA (Grupo de Pesquisa em Estudos Africanos e Representações da África). Autor dos livros: “Mitologia Grega e Bíblica - Narrativas de transgressão; “Filosofia, Teologia e Poesia”; “Ética e

Hermenêutica”; “Sobre, Entre e Para”; “Ensino religioso: política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas”; “Pílulas Freirianas”.  
<http://lattes.cnpq.br/1209808259228932>  
<https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>

### **Isa Mairy Tomé Oliveira Palmeira**

Graduanda em Pedagogia - UNEB Campus XV. Articuladora pedagógica e mediadora tecnológica no CEMIT do Baixo Sul - NTE 06. Técnica em Informática - IFBA Campus Valença

### **Sabrine Clara Ferreira Batista**

Graduanda em Pedagogia (Universidade do Estado da Bahia)

**RESUMO:** Este estudo analisa os discursos religiosos digitais de cunho profético produzidos por lideranças associadas à bancada BBB (Bíblia, Boi e Bala) no Brasil contemporâneo, com foco em figuras como o “Profeta Miguel” e “O Grande Chamado”. O objetivo é compreender como tais discursos são construídos, performados e legitimados nas redes sociais, interligando fé, política e poder. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e analítica, utilizando análise de conteúdo

audiovisual, etnografia digital e análise discursiva foucaultiana. O referencial teórico baseia-se nos conceitos de Michel Foucault sobre discurso, poder e subjetivação, investigando como a autoridade profética se consolida como dispositivo de controle simbólico e político. Os resultados indicam a presença de padrões retóricos marcados por escatologia, nacionalismo e moralismo, que produzem subjetividades obedientes e moldam condutas a partir de uma retórica de guerra espiritual e urgência moral. Conclui-se que tais discursos operam como tecnologias de poder-saber que instrumentalizam a fé para fins políticos, favorecendo a emergência de uma teopolítica digital conservadora. A pesquisa sugere que o enfrentamento desse fenômeno exige o fortalecimento de uma cidadania crítica, a revalorização da laicidade e a construção de espaços simbólicos alternativos que priorizem o pluralismo democrático e a liberdade de consciência, especialmente em um contexto onde fé e algoritmo se tornam instrumentos de dominação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teopolítica digital; Profetismo midiático; Subjetivação religiosa; Discurso de poder.

## INTRODUÇÃO

Este texto tem como objeto de estudo os discursos religiosos digitais de cunho profético produzidos por lideranças ligadas, direta ou indiretamente, à chamada bancada BBB (Bíblia, Boi e Bala) no Brasil contemporâneo. O foco recai sobre figuras religiosas autodenominadas profetas, tais como o “profeta Miguel” e aqueles que se auto-intitulam “O Grande Chamado”, que articulam uma retórica teopolítica em plataformas digitais como *YouTube*, *Instagram* e *TikTok*, interligando fé, política e poder por meio de estratégias audiovisuais e performativas. Busca-se compreender como tais discursos são produzidos, legitimados e consumidos no ecossistema digital, sobretudo à luz das disputas simbólicas e políticas em curso.

No Brasil contemporâneo, a relação entre religião, tecnologia e política tem assumido formas inéditas, especialmente com a emergência de discursos proféticos que migram do altar para o algoritmo, produzindo uma nova ecologia de poder espiritual e simbólico. Lideranças religiosas associadas à chamada bancada BBB passaram a ocupar com intensidade o espaço das redes sociais, transformando plataformas digitais em verdadeiros púlpitos eletrônicos. Esses ambientes não apenas amplificam a voz dos profetas digitais, mas também contribuem para a legitimação de sua autoridade religiosa e política junto a um público altamente engajado e disposto a seguir diretrizes morais e ideológicas sob a chancela da fé.

A imagem do altar, tradicionalmente associada ao espaço físico do culto, é ressignificada nas redes: o lugar da pregação agora é o *feed*, a tela do celular, a transmissão ao vivo. Segundo Stewart Hoover (2006, p.11), “a religião nas mídias digitais não é apenas uma extensão do culto, mas um espaço de disputa simbólica e performatividade, onde novos modos de ser religioso são continuamente negociados”. Essa transformação possibilita que figuras autoproclamadas como “Profeta Miguel” ou “O Grande Chamado” estabeleçam formas de autoridade carismática que escapam das mediações institucionais das igrejas, ganhando legitimidade pela repetição e viralização de suas mensagens.

Neste contexto, o algoritmo torna-se cúmplice do profetismo. As plataformas digitais, como o *YouTube*, *Instagram* ou *TikTok*, funcionam com base em sistemas automatizados que favorecem conteúdos de alto engajamento emocional, frequentemente marcados por dramatização, polarização e moralismo. Como argumenta Byung-Chul Han (2017, p.24), “a comunicação digital não exige nem reflexão nem argumentação. Ela opera como um curto-circuito emocional”. Os discursos proféticos digitais, ao ativarem sentimentos de urgência espiritual, medo do fim dos tempos e patriotismo religioso, alimentam perfeitamente esse sistema, tornando-se conteúdos altamente compartilháveis.

Esses discursos também encontram respaldo institucional na atuação da bancada BBB, que utiliza uma retórica religiosa conservadora para defender pautas como o armamento civil, a criminalização de minorias e a “defesa da família tradicional”. Como observa Magali Cunha (2017, p.103), “as mídias digitais passaram a ser espaços privilegiados de atuação política de lideranças religiosas, onde a fé é instrumentalizada para mobilizar o eleitorado em torno de projetos políticos autoritários e moralistas”. A conexão entre púlpito e palanque se fortalece quando os profetas digitais validam, em nome de Deus, candidatos e agendas políticas que operam sob a lógica do medo e da disciplina moral.

Do ponto de vista teórico, essa articulação pode ser compreendida à luz da análise de Michel Foucault, especialmente no que diz respeito ao papel do discurso como dispositivo de poder e produção de verdade. Para o autor, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (Foucault, 1996, p. 12). No ambiente digital, os discursos proféticos funcionam como esse tipo de produção: constroem um imaginário espiritual-político no qual a obediência religiosa se converte em fidelidade ideológica. A verdade do profeta, legitimada por revelações divinas, torna-se indiscutível, e a crítica é rapidamente silenciada como heresia ou oposição espiritual.

Em síntese, o trânsito entre altar e algoritmo materializa uma nova forma de exercício do poder religioso, que não depende mais da autoridade institucional, mas da capacidade de performar discursos proféticos que mobilizam afetos, moldam condutas e reforçam projetos políticos específicos. Trata-se de uma teopolítica midiaticizada que atua sobre os corpos e as consciências, redefinindo os limites entre fé, verdade e poder na era das redes.

Seguindo essa compreensão, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os discursos proféticos digitais vinculados à bancada BBB são construídos, performados e disseminados no ambiente digital brasileiro, articulando elementos religiosos, políticos e midiáticos sob uma perspectiva foucaultiana do poder e do saber. Para alcançar essa finalidade, busca-se inicialmente investigar a presença e a atuação digital de lideranças religiosas associadas à bancada BBB nas redes sociais, considerando a forma como esses atores utilizam as plataformas para propagar sua influência. A pesquisa também se propõe a identificar os principais elementos simbólicos, teológicos e políticos presentes nos discursos de figuras como o autointitulado Profeta Miguel e “O Grande Chamado”,

cujas mensagens circulam com grande repercussão em ambientes digitais. Além disso, pretende-se compreender a função desses discursos proféticos como mecanismos de autoridade, controle e mobilização social, analisando como eles operam sobre a formação de subjetividades, normas e comportamentos coletivos. Por fim, a análise busca aplicar conceitos fundamentais do pensamento de Michel Foucault, tais como poder, discurso e subjetivação, para interpretar os processos de legitimação da autoridade profética nas mídias digitais, oferecendo uma leitura crítica das práticas de dominação e resistência no cenário teopolítico contemporâneo.

A presente pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, por uma motivação pessoal vinculada ao interesse nas interfaces entre religião, política e tecnologia. Como pesquisador e cidadão, considero fundamental analisar criticamente os fenômenos contemporâneos que reconfiguram o espaço público, especialmente aqueles que operam no cruzamento entre fé, discurso e poder, impactando diretamente a forma como nos informamos, nos posicionamos e interagimos no ambiente digital. Do ponto de vista social, o crescimento da influência de lideranças religiosas na política brasileira, em especial aquelas ligadas à chamada bancada BBB, tem provocado efeitos significativos no debate público, nos direitos civis e na própria estrutura democrática. A atuação estratégica dessas figuras nas redes sociais amplia sua capacidade de mobilização e controle simbólico, tornando urgente uma compreensão mais profunda desse fenômeno. Refletir criticamente sobre essas práticas é essencial para o fortalecimento de uma cidadania crítica, da pluralidade democrática e da laicidade do Estado.

Já no campo da perspectiva científica, este estudo oferece uma contribuição relevante para áreas como os Estudos de Religião, a Comunicação, a Ciência Política e a Filosofia, ao propor uma abordagem interdisciplinar ancorada nos aportes teóricos de Michel Foucault. Ao investigar os discursos religiosos digitais sob a ótica do poder, da subjetivação e da construção da verdade, a pesquisa amplia o entendimento sobre os mecanismos discursivos contemporâneos que moldam identidades, legitimam autoridades e orientam condutas no contexto da teopolítica digital brasileira.

Nesse contexto, torna-se fundamental investigar não apenas o conteúdo desses discursos, mas também os dispositivos e dinâmicas que lhes conferem legitimidade no ambiente digital. A relação entre fé e tecnologia, mediada pelos algoritmos das plataformas e pela performance carismática de seus emissores, revela um novo campo de atuação religiosa que escapa aos moldes institucionais tradicionais, deslocando o exercício da autoridade do altar físico para os espaços virtuais de circulação e engajamento.

Tendo o entendimento que nas últimas décadas, o Brasil tem vivenciado uma crescente interseção entre religião, política e mídia digital, marcada pela ascensão de lideranças religiosas carismáticas que utilizam as redes sociais como plataformas estratégicas de influência. Particularmente, figuras associadas à chamada bancada BBB (Bíblia, Boi e Bala) têm se destacado por articular discursos proféticos que transcendem o campo

estritamente espiritual, operando como mecanismos de legitimação política e mobilização social. Esses discursos — muitas vezes escatológicos, moralistas e nacionalistas — são difundidos por meio de vídeos, lives e publicações online, moldando percepções coletivas sobre autoridade, verdade e identidade nacional. Diante desse cenário, a pergunta que não cala é: como esses discursos proféticos digitais constroem e legitimam autoridade religiosa e política no Brasil contemporâneo, revelando novas formas de dominação simbólica e disputas por hegemonia no espaço público?

Levantamos como hipótese que os discursos proféticos digitais associados à bancada BBB constroem e legitimam autoridade religiosa e política por meio da articulação estratégica entre símbolos religiosos, retórica nacionalista e narrativas escatológicas, difundidas em ambientes digitais que favorecem a performatividade carismática e a viralização de conteúdos. Tais discursos operam como dispositivos de poder-saber (Foucault, 1979), produzindo subjetividades obedientes e reforçando uma teopolítica conservadora que instrumentaliza a fé para disciplinar condutas e influenciar decisões políticas, especialmente em contextos de crise social e institucional.

Quanto ao nosso referencial teórico, esta pesquisa é embasada principalmente na teoria foucaultiana do discurso, do poder e da subjetivação. Michel Foucault (1979) argumenta que o poder não é algo que se possui, mas algo que circula e se exerce em redes. O discurso, nesse contexto, é uma prática que produz efeitos de verdade e regula o que pode ser dito, por quem e com que efeitos. Isso se aplica diretamente aos discursos proféticos digitais, que se apresentam como verdades absolutas, mas que, na prática, operam como mecanismos de controle e imposição de normas morais, políticas e identitárias.

Além disso, será explorado o conceito de governamentalidade, entendido como o conjunto de práticas e racionalidades por meio das quais os sujeitos são conduzidos e se conduzem (Foucault, 2008), aplicável à forma como líderes religiosos influenciam o comportamento e as escolhas políticas de seus seguidores.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e analítica, considerando a natureza interpretativa do objeto de estudo e a complexidade dos fenômenos discursivos e simbólicos envolvidos na atuação profética digital associada à bancada BBB. A abordagem qualitativa é apropriada quando se busca compreender processos simbólicos, significados e práticas sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos e do contexto sociocultural em que estão inseridos. Como destaca Denzin e Lincoln (2006, p. 17), “a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa, naturalista do mundo, estudando as coisas em seus ambientes naturais, tentando dar sentido, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem”.

A natureza exploratória da pesquisa justifica-se pela necessidade de levantar, descrever e compreender um campo ainda pouco sistematizado na literatura nacional: a atuação de discursos proféticos no ambiente digital e sua articulação com o campo político-

religioso. Segundo Gil (2008, p. 44), “as pesquisas exploratórias visam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Por sua vez, o caráter analítico diz respeito ao esforço de interpretação crítica dos dados coletados, buscando identificar padrões discursivos, estratégias de autoridade e mecanismos de subjetivação a partir de uma matriz teórica foucaultiana.

A coleta de dados ocorreu em plataformas como *YouTube*, *Instagram*, *Telegram* e *TikTok*., sendo o corpus composto por vídeos, lives e postagens selecionadas de acordo com critérios de relevância, engajamento e frequência, enquanto que para a análise de dados, são utilizados três procedimentos metodológicos analíticos: análise de conteúdo audiovisual, etnografia digital e análise discursiva foucaultiana.

A análise de conteúdo audiovisual é aplicada ao corpus formado por vídeos, transmissões ao vivo e publicações em redes sociais de figuras como o Profeta Miguel e “O Grande Chamado”. Essa técnica permite investigar os significados veiculados nas mensagens, bem como os elementos simbólicos, estéticos e retóricos mobilizados para a construção de autoridade profética. De acordo com Bardin (2011, p. 42), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, sendo particularmente útil para interpretações qualitativas em contextos de mídia.

A etnografia digital, por sua vez, possibilita observar e compreender as práticas interacionais e comunicativas em ambientes digitais, como *YouTube*, *Instagram* e *Telegram*, onde essas lideranças religiosas desenvolvem suas atividades. Conforme Hine (2015, p. 20), a etnografia digital “não se limita a estudar o ciberespaço como um campo separado, mas reconhece a internet como parte integrada da vida social contemporânea, onde o online e o offline estão interconectados”. A etnografia permite acompanhar de modo sistemático as interações entre os emissores do discurso profético e suas audiências, considerando tanto os conteúdos quanto as reações e engajamentos produzidos em rede.

Por fim, é aplicada uma análise discursiva foucaultiana, com base nos conceitos de discurso, poder e subjetivação desenvolvidos por Michel Foucault. Esta abordagem busca compreender os discursos proféticos não apenas como textos, mas como práticas sociais e políticas que produzem efeitos de verdade, moldam subjetividades e instituem regimes de autoridade. A análise discursiva, nesse sentido, permite identificar os mecanismos de controle e resistência presentes nas narrativas proféticas digitais, bem como as formas pelas quais essas narrativas produzem sentidos normativos e efeitos de governamentalidade.

Com base nos objetivos propostos e nos procedimentos metodológicos adotados, espera-se que a pesquisa identifique os principais padrões retóricos e simbólicos presentes nos discursos proféticos digitais, revelando como essas narrativas são construídas para legitimar determinadas agendas políticas e morais associadas à bancada BBB. A investigação pretende ainda contribuir para uma compreensão crítica da maneira como o discurso religioso, ao ser amplificado pelas dinâmicas das plataformas digitais, influencia

os processos de subjetivação política no Brasil contemporâneo. Por fim, almeja-se que os resultados ofereçam subsídios teóricos e analíticos para refletir sobre formas de resistência democrática diante da crescente instrumentalização da fé como mecanismo de controle social e dominação simbólica no ambiente digital.

## **A ATUAÇÃO DIGITAL DE LIDERANÇAS RELIGIOSAS DA BANCADA BBB NAS REDES SOCIAIS: ENTRE O PÚLPITO E O FEED**

Nas últimas duas décadas, o Brasil vivenciou um deslocamento significativo da atuação religiosa do espaço físico para o digital. As redes sociais se tornaram palco para disputas simbólicas, morais e políticas, onde lideranças religiosas, especialmente aquelas alinhadas à chamada bancada BBB (Bíblia, Boi e Bala), têm desempenhado papel crucial na produção de discursos de autoridade, controle e mobilização de massas. O uso da linguagem profética e da estética carismática se entrelaça com as lógicas algorítmicas e a política conservadora, criando um novo ecossistema de poder.

A expressão bancada BBB, popularizada pela mídia e por estudiosos da política brasileira, refere-se a um agrupamento informal de parlamentares que representam interesses do agronegócio, da segurança pública armamentista e do fundamentalismo religioso. A parte da “Bíblia” envolve pastores, apóstolos e bispos evangélicos que ocupam cargos políticos ou atuam diretamente como influenciadores no debate público. Como aponta Silva (2020, p. 22), “o discurso religioso que antes se limitava aos púlpitos agora é performado nas telas, nas câmeras de celulares, nos algoritmos que aproximam profetas e seguidores”. Essa reconfiguração da presença religiosa no espaço público digital evidencia uma transição significativa: das instituições e templos físicos para as plataformas online, onde a performance religiosa se articula com recursos midiáticos e estratégias de visibilidade. Nesse ambiente, os líderes religiosos associados à bancada BBB não apenas ampliam seu alcance, mas adaptam suas mensagens a lógicas algorítmicas e emocionais, construindo uma presença que mistura fé, identidade política e marketing de influência.

O crescimento do neopentecostalismo midiático, segundo Mafra (2019), reflete uma adaptação estratégica das igrejas ao capitalismo de plataforma. “Essas lideranças dominam as linguagens televisiva e digital, e mobilizam uma gramática afetiva poderosa: medo, milagre, salvação e inimigo moral” (Mafra, 2019, p. 71). Ao invés de apenas evangelizar, elas criam comunidades de pertencimento e autoridade, em que o pastor é também guru político, analista social e referência moral. Assim, plataformas como *YouTube*, *Instagram*, *TikTok* e *Telegram* são utilizadas para construir um sistema de “presença onisciente”, como observa Rodrigues (2021), no qual os líderes podem se manifestar a qualquer momento, reforçando seu poder carismático em tempo real. A fragmentação do conteúdo em cortes, *reels* e *lives* permite ainda que a figura do profeta digital esteja constantemente inserida na rotina informacional dos fiéis, ocupando espaço onde antes estavam o jornalismo e o debate cívico.

Essa inserção constante e estrategicamente orquestrada nas rotinas digitais dos seguidores não apenas reforça a autoridade simbólica dos líderes religiosos, mas também cria um ambiente de vigilância espiritual contínua, onde a mensagem profética se torna parte do cotidiano informativo e afetivo. Ao ocupar esse espaço de forma persistente, esses líderes moldam não só práticas de fé, mas também percepções políticas e morais, estabelecendo fronteiras simbólicas claras entre “nós” e “eles”, o que prepara terreno para discursos excludentes e polarizados que se apresentam como verdades divinas.

A presença digital dessas lideranças não é neutra. Seus discursos são frequentemente mobilizados para combater agendas progressistas, atacar minorias e reforçar um modelo patriarcal e autoritário de sociedade. Como argumenta Duarte (2020, p.93), “a aliança entre moralidade religiosa e estratégia de marketing digital forma um campo fértil para o populismo moral, onde o inimigo não é apenas político, mas espiritual.” Esse inimigo é frequentemente representado como comunista, globalista, feminista ou “infiltrado do diabo”. Nesse contexto, os discursos de figuras como o “Profeta Miguel” ou os representantes de “O Grande Chamado” se apresentam como profecias reveladas, mas funcionam como dispositivos de poder e disciplinamento. Michel Foucault (1996, p. 12) nos ajuda a entender isso quando afirma: “o discurso, longe de ser transparente ou neutro, é sempre uma prática que implica poder”. Essas lideranças operam como empresários morais, nos termos de Howard Becker (1963), definindo o que é desvio, pecado e virtude, e moldando as normas de conduta social.

A atuação desses líderes religiosos nas plataformas digitais evidencia como o poder discursivo se entrelaça com dinâmicas comunicacionais próprias da cultura de rede, onde a autoridade não depende apenas do conteúdo da mensagem, mas também da sua performance e circulação. Ao se apropriarem das linguagens e formatos midiáticos contemporâneos, essas figuras proféticas não apenas reforçam sua posição como agentes morais, mas também potencializam sua influência através de recursos simbólicos que ativam afetos, constroem inimigos e consolidam identidades. É nesse ponto de convergência entre discurso, poder e mídia que se inscreve a lógica da fé performada no digital.

Autores como Manuel Castells (2013, p.08) apontam que os novos movimentos sociais e religiosos estão cada vez mais mediados pela internet, onde “o poder é exercido através da construção de significados na mente das pessoas, por meio de processos de comunicação”. É justamente nessa arena semiótica que os profetas digitais da bancada BBB operam: criam narrativas de guerra espiritual, mobilizam estéticas de combate e simulam perseguições religiosas para justificar sua autoridade. E ainda mais, Raimundo Barreto (2021, p.103), estudioso da relação entre evangelicalismo e política no Brasil, argumenta que “há uma sistemática colonização do imaginário político por uma teologia da guerra, da hierarquia e do inimigo”. Esse imaginário é reforçado e difundido nos vídeos, memes, hashtags e sermões em streaming, constituindo uma teopolítica digital cuja lógica se sobrepõe à lógica democrática.



Investigar a atuação dessas lideranças religiosas nas redes sociais não é apenas descrever sua visibilidade crescente, mas entender como o ambiente digital opera como extensão de sua autoridade carismática. Elas não apenas comunicam fé, mas governam subjetividades, regulam afetos e interferem diretamente nos rumos da política nacional. Trata-se de um campo em que a espiritualidade é instrumentalizada, e os algoritmos operam como púlpitos invisíveis.

## **PROFECIA, PODER E PATRIOTISMO: ELEMENTOS SIMBÓLICOS, TEOLÓGICOS E POLÍTICOS NOS DISCURSOS DE FIGURAS COMO O PROFETA MIGUEL E “O GRANDE CHAMADO”**

No cenário contemporâneo brasileiro, novas lideranças religiosas vêm ganhando espaço nas redes sociais com discursos que misturam espiritualidade, política e simbologia nacionalista. Figuras como o autointitulado Profeta Miguel e aqueles de “O Grande Chamado” são representantes emblemáticos dessa tendência: adotam uma linguagem profética, uma estética apocalíptica e um tom messiânico para articular discursos que buscam legitimidade religiosa e poder político. A identificação dos elementos simbólicos, teológicos e políticos presentes em suas falas é crucial para compreender a teopolítica digital emergente no Brasil.

O primeiro traço simbólico evidente nesses discursos é a presença de uma cosmologia dualista, marcada pela ideia de guerra entre o bem e o mal, entre Deus e as forças das trevas. Essa lógica aparece na figura do “inimigo invisível” — frequentemente representado por partidos de esquerda, movimentos sociais, ideologias de gênero ou mesmo instituições democráticas. Como observa Paul Freston (2008, p. 146), “a demonização do adversário é um recurso retórico eficaz para reforçar a pureza do grupo e legitimar lideranças carismáticas”. Nessa mesma perspectiva os símbolos nacionais, bandeira do Brasil, hino, cores verde e amarela, também são ressignificados como instrumentos espirituais. Eles se tornam “objetos sacralizados” usados em cultos, vídeos e rituais *online* para representar a “nação escolhida por Deus”. Esse uso se alinha ao que Casanova (1994) chamou de “re-sacralização da esfera pública”, onde o símbolo da pátria é apropriado por uma narrativa religiosa.

Essa sacralização de símbolos nacionais prepara o terreno para a legitimação de lideranças religiosas que se apresentam como intérpretes exclusivos da vontade divina para a nação. Ao fundir identidade religiosa com identidade nacional, esses discursos constroem uma base simbólica que sustenta a autoridade profética como expressão direta de um projeto espiritual para o país. Nesse cenário, a figura do profeta não apenas representa uma voz religiosa, mas encarna um papel messiânico legitimado tanto pela “missão divina” quanto pela defesa de uma pátria idealizada e moralmente redimida.

As figuras de Profeta Miguel e “O Grande Chamado” se posicionam como porta-vozes diretos de Deus, afirmando receber revelações que ultrapassam a mediação institucional da igreja tradicional. Trata-se de um uso da profecia como dispositivo de autoridade, no qual a palavra do líder é apresentada como inquestionável. Essa configuração se aproxima do que Weber (2004) definiu como dominação carismática, baseada na crença na missão extraordinária de um indivíduo.

A teologia mobilizada é fortemente escatológica, centrada em uma ideia de fim dos tempos, combate espiritual e purificação da nação. Como afirma Leonardo Boff (2012, p. 92), “a escatologia cristã quando distorcida pode se tornar instrumento de exclusão e violência, em nome da pureza final e da salvação dos eleitos”. Em seus vídeos, tais lideranças anunciam julgamentos divinos iminentes, apresentam a si mesmos como profetas ungidos e convocam seguidores a se posicionarem espiritualmente e politicamente. Essa dimensão escatológica encontra eco na tradição neopentecostal brasileira, que frequentemente utiliza a retórica do “domínio espiritual” para justificar intervenções políticas. Ricardo Mariano (1999, p.123) já alertava que “a instrumentalização do discurso religioso para fins políticos é um fenômeno crescente entre igrejas que operam com forte vocação midiática e carismática.”

A vinculação entre escatologia e política, característica do neopentecostalismo de orientação midiática, não apenas legitima a intervenção dos líderes religiosos na esfera pública, mas também estrutura uma narrativa de combate moral que ultrapassa os limites da fé pessoal. Nessa perspectiva, a retórica profética adquire contornos políticos cada vez mais explícitos, à medida que interpreta eventos sociais e institucionais como sinais do fim dos tempos ou manifestações de forças espirituais antagônicas. Essa lógica prepara o terreno para discursos que, em nome da salvação e da moralidade, operam uma crítica feroz ao sistema político tradicional e reforçam o protagonismo do líder religioso como agente de restauração moral e nacional.

Os discursos dessas figuras têm implicações políticas diretas. São profundamente moralistas, sustentados em uma visão dicotômica de mundo (bem vs. mal, cristãos vs. inimigos de Deus), que justifica a perseguição simbólica (e por vezes literal) de minorias. Além disso, apresentam uma forte retórica antissistema, denunciando partidos, mídia, ciência e instituições como corrompidas por “espíritos malignos”, reforçando o papel do líder religioso como o verdadeiro porta-voz da verdade.

Essa prática se insere no que Brown (2006) chamou de “política da salvação”, ou seja, a crença de que apenas uma restauração moral e religiosa pode salvar o país da decadência. Os profetas digitais tornam-se, assim, operadores de um populismo religioso em que o líder incorpora tanto a voz do povo quanto a de Deus. A atuação desses líderes no ecossistema digital, com grande capacidade de mobilização e engajamento, revela o que Foucault (1996, p.12) chama de produção de regimes de verdade: “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.” As redes sociais funcionam como aceleradoras desses regimes, permitindo que profecias sejam convertidas em ferramentas de controle subjetivo e político.

A análise dos discursos de figuras como o Profeta Miguel e “O Grande Chamado” revela uma combinação complexa de símbolos religiosos, estratégias políticas e linguagem teológica, voltada para a legitimação de lideranças carismáticas que pretendem ocupar não apenas os púlpitos, mas o Estado. A profecia deixa de ser apenas um dom espiritual e passa a operar como arma discursiva de poder, travestida de verdade revelada. Entender esses elementos é fundamental para compreender o avanço do fundamentalismo digital e sua influência nas dinâmicas democráticas do país.

## **O DISCURSO PROFÉTICO COMO INSTRUMENTO DE AUTORIDADE, CONTROLE E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO AMBIENTE DIGITAL**

O discurso profético, tradicionalmente vinculado a práticas religiosas de caráter escatológico e carismático, tem ganhado novos contornos na era digital. Longe de se restringir às instituições eclesiais, ele passa a ocupar o espaço das redes sociais como um mecanismo de autoridade simbólica, mobilização política e controle subjetivo. Figuras religiosas autointituladas como “profetas”, frequentemente ligadas a movimentos teopolíticos conservadores, reconfiguram a profecia como performance midiática, moldada pela lógica do algoritmo, pela estética do apelo moral e pela retórica da urgência espiritual.

Segundo Foucault (1996, p.12), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por onde, e pelo que, se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Essa afirmação é central para compreender como o discurso profético digital opera: não como mero enunciado religioso, mas como tecnologia de poder que disciplina comportamentos, captura subjetividades e organiza afetos coletivos. Essa concepção foucaultiana do discurso como campo de disputa pelo poder permite compreender a profecia digital não apenas como uma prática religiosa, mas como uma estratégia de enunciação que produz efeitos concretos de autoridade e sujeição. Ao se inserir nas redes com linguagem performativa e tom revelacional, o discurso profético passa a funcionar como um instrumento de condução dos indivíduos, constituindo lideranças que não dependem da mediação institucional, mas da capacidade de mobilizar afetos e produzir verdades. É nesse contexto que se inscreve a figura do profeta digital, cuja legitimidade se sustenta não apenas no conteúdo da mensagem, mas na forma carismática com que ela é proferida e recebida.

Na tradição cristã, o profeta é aquele que fala em nome de Deus, muitas vezes fora das estruturas formais do templo. No ambiente digital, essa função é apropriada por figuras que se autolegitimam como mensageiros divinos, muitas vezes com narrativas centradas em revelações sobre o destino da nação, o papel dos fiéis e a denúncia de inimigos espirituais (e políticos). Esse tipo de discurso se ancora no que Weber (2004) define como dominação carismática, ou seja, uma forma de autoridade baseada na confiança pessoal na missão “extraordinária” de um líder. A autoridade profética, nesses casos, se desloca

da teologia institucional para a performance digital. Como observa Hoover (2006, p.08), “o meio digital cria um espaço no qual a religião é não apenas representada, mas negociada, disputada e performada.” O profeta digital, portanto, constrói sua autoridade não só pela palavra divina, mas pela forma como mobiliza imagens, músicas, textos e narrativas que ativam emocionalmente seus seguidores.

Essa autoridade construída pela performance digital não se limita à legitimação simbólica do líder religioso, mas estende-se à regulação da vida cotidiana de seus seguidores, influenciando valores, escolhas e comportamentos. Ao ativar emoções e estabelecer vínculos afetivos com sua audiência, o profeta digital não apenas convence: ele conduz. Nesse processo, o discurso profético ultrapassa a esfera da crença para operar como um dispositivo normativo, que define padrões morais e sociais com base em uma lógica binária e disciplinadora, preparando o terreno para sua atuação como tecnologia de controle moral.

O discurso profético no digital também atua como mecanismo de controle moral, pois estabelece o que é certo e errado, puro e impuro, salvo e perdido — não apenas do ponto de vista espiritual, mas social e político. Ele molda normas de comportamento, definem inimigos e disciplinam afetos. Como pontua Butler (2015, p.39), “os discursos não apenas descrevem a realidade, mas têm o poder de constituí-la, moldando os sujeitos e as normas que os governam.”.

Esses profetas digitais frequentemente apelam à linguagem da guerra espiritual para justificar a perseguição de minorias, o combate a agendas progressistas e o apoio a lideranças políticas autoritárias. Essa retórica binária, de combate entre luz e trevas, bem e mal, é fundamental para construir uma comunidade unida por uma moral comum, cuja autoridade é centralizada no líder profético. Esse mecanismo de controle, operando sob o véu da espiritualidade, torna-se ainda mais eficaz quando amplificado pelas dinâmicas de viralização e reforço algorítmico das plataformas. Essa combinação entre retórica espiritual e estrutura algorítmica não apenas consolida a autoridade do profeta digital, mas também fortalece sua capacidade de mobilização. A linguagem de guerra espiritual, ao construir uma narrativa de urgência e ameaça constante, engaja emocionalmente os seguidores e os insere em uma lógica de ação coletiva, onde a fé se traduz em posicionamentos concretos na arena política. Assim, o discurso religioso deixa de ser apenas uma expressão de crença para tornar-se uma ferramenta de intervenção social, ativando sentimentos como medo, pertencimento e dever moral que impulsionam a participação em causas alinhadas aos interesses teopolíticos do líder.

Por fim, o discurso profético digital atua como mecanismo de mobilização social e política. Ao convocar os seguidores a “tomar posição” diante da batalha espiritual em curso, os profetas digitais incitam não apenas práticas devocionais, mas ações políticas concretas: votos, protestos, boicotes, campanhas. Como argumenta Castells (2013, p.08), “o poder é exercido pela construção de significados, e os significados são moldados em processos de comunicação.” A profecia digital é, portanto, uma forma de comunicação estratégica, que transforma seguidores religiosos em militantes ideológicos.

Além disso, essa mobilização é afetiva: baseada em medo, esperança, culpa e recompensa espiritual. Esses afetos são cruciais para manter a coesão do grupo e a fidelidade ao líder, funcionando como cola simbólica de comunidades que se consideram eleitas. Como explica Massimo Di Felice (2014, p.111), “a conexão digital é afetiva, e os afetos são, hoje, os motores da participação política em rede.”.

Compreender a função do discurso profético no ambiente digital exige vê-lo não como um fenômeno puramente religioso, mas como uma **tecnologia de poder**, que opera em múltiplas dimensões: simbólica, moral e política. Ao se apresentar como palavra divina, o discurso profético adquire uma autoridade incontestável, que pode ser usada tanto para emancipar quanto para dominar. No Brasil contemporâneo, figuras que se colocam como profetas digitais têm utilizado essa estratégia para consolidar projetos conservadores, disciplinar condutas e transformar a fé em ferramenta de mobilização política e controle social.

## **AUTORIDADE PROFÉTICA DIGITAL À LUZ DE MICHEL FOUCAULT: DISCURSO, PODER E SUBJETIVAÇÃO**

A emergência de figuras proféticas nas mídias digitais brasileiras, tais como os autointitulados Profeta Miguel e “O Grande Chamado”, representam um fenômeno que vai além da religião institucional. Trata-se da construção de uma autoridade discursiva que se legitima por meio da performatividade carismática e da circulação algorítmica. Para compreender esse processo, os conceitos desenvolvidos por Michel Foucault sobre discurso, poder e subjetivação oferecem ferramentas teóricas fundamentais.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que os discursos proféticos digitais não operam apenas como mensagens religiosas, mas como práticas que instauram regimes de verdade específicos, moldando o modo como seus seguidores percebem o mundo, a si mesmos e os outros. Ao se apresentarem como revelações divinas, esses discursos reivindicam um estatuto de verdade absoluta, desautorizando visões divergentes e estabelecendo uma estrutura discursiva que organiza crenças, comportamentos e relações de poder. É justamente nesse ponto que os aportes de Foucault se tornam cruciais para analisar como tais discursos se impõem, circulam e são internalizados como verdades inquestionáveis no ambiente digital. Para Foucault, o discurso não é uma simples representação da realidade ou um meio neutro de comunicação. Ele é uma prática que produz efeitos de verdade e regula os modos de ser, de agir e de pensar.

As falas proféticas nas mídias digitais atuam como dispositivos de produção de verdade, apresentando-se como revelações divinas, mas funcionando, na prática, como construções discursivas que definem normas morais, inimigos espirituais e comportamentos esperados. A autoridade desses profetas não se dá apenas pela fé que inspiram, mas pela produção de discursos que se impõem como “verdadeiros” e não passíveis de questionamento, sendo assim uma forma eficaz de dominação simbólica.

Essa imposição discursiva de verdades proféticas revela um exercício de poder que não depende exclusivamente de estruturas institucionais ou hierarquias eclesiais tradicionais, mas se manifesta por meio de redes dinâmicas de influência e engajamento. A eficácia simbólica desses discursos está justamente na sua capacidade de circular entre diferentes esferas (religiosa, política, cultural) por meio das plataformas digitais, onde o poder se dissemina de maneira difusa e relacional. Essa lógica se alinha à concepção foucaultiana de poder como algo que não se possui, mas que se exerce em fluxos contínuos, sendo reproduzido nas interações cotidianas, nos afetos mobilizados e nos comportamentos regulados pelas mensagens proféticas que atravessam os algoritmos.

Diferente das concepções tradicionais que tratam o poder como algo centralizado ou concentrado, Foucault propõe uma noção relacional e capilar: o poder está em toda parte porque provém de toda parte. Como escreve em *Microfísica do Poder*, “o poder não se detém; ele se exerce” (Foucault, 1979, p. 29). Essa visão é essencial para analisar a atuação dos profetas digitais, cuja autoridade não deriva de uma instituição formal, mas da adesão afetiva, algorítmica e performática que conseguem mobilizar. Essas lideranças exercem o poder por meio da fala (o “assim diz o Senhor”), da imagem (estética sagrada, gestos, cenários), e do engajamento (curtidas, comentários, compartilhamentos). Cada vídeo, *live* ou *reel* é uma atualização da relação de poder entre o profeta e sua audiência. O ambiente digital, nesse sentido, funciona como extensão da governamentalidade, pois facilita a disseminação de dispositivos que organizam a conduta dos indivíduos.

Esse ambiente de comunicação contínua, moldado pela performance do profeta e pela resposta imediata do público, não apenas reforça a autoridade discursiva, mas atua diretamente na formação das subjetividades. A repetição de mensagens, símbolos e imperativos morais cria uma atmosfera na qual os indivíduos são constantemente interpelados a se reconhecerem como parte de uma missão espiritual maior. Assim, o poder exercido por essas lideranças ultrapassa o convencimento racional e opera no plano da formação de identidades, promovendo uma autogestão da fé e da conduta conforme os padrões estabelecidos pelo discurso profético, amplificado e retroalimentado pelos algoritmos das plataformas digitais.

A produção de seguidores que se reconhecem como “escolhidos”, “fiéis” ou “guerreiros espirituais” é um processo de subjetivação, no qual o sujeito é constituído por meio de práticas discursivas. Para Foucault (2008, p.54), “há duas significações da palavra sujeito: sujeito a outro pelo controle e pela dependência, e sujeito a sua própria identidade por uma consciência de si”. No caso da autoridade profética digital, os indivíduos tornam-se sujeitos religiosos ao aceitar o discurso como verdade e internalizar a obediência como fé.

As plataformas digitais desempenham aqui o papel de instrumentos de subjetivação, pois tornam possível a repetição, a vigilância horizontal e o reforço contínuo das mensagens proféticas. O seguidor, ao comentar, curtir ou compartilhar, participa ativamente da reprodução do discurso, ao mesmo tempo que se submete a ele. Como nota Byung-Chul

Han (2015, p.28), “a sociedade do desempenho é uma sociedade de autoexploração”, e o digital transforma o controle em autocontrole, a obediência em fé voluntária. Essa dinâmica de participação ativa e vigilância dispersa não apenas reforça o alcance das mensagens proféticas, mas também sustenta um modelo de autoridade que se legitima continuamente pelo engajamento coletivo. A subjetivação promovida pelas plataformas se entrelaça com uma forma específica de liderança carismática, que depende da reafirmação constante de sua influência por meio das interações digitais. Nesse contexto, a autoridade do profeta deixa de ser apenas individual e passa a ser co-construída por seus seguidores, funcionando como um verdadeiro dispositivo de governamentalidade espiritual e política — onde fé, obediência e visibilidade se fundem para consolidar um poder que guia tanto as crenças quanto os comportamentos cotidianos.

O profeta digital se legitima não apenas pelo conteúdo do discurso, mas pela forma como esse discurso circula e é legitimado pelas plataformas e pelos seguidores. Nesse processo, temos um dispositivo de poder que Foucault denominaria como “pastoral”, pois visa guiar, corrigir, cuidar e, sobretudo, governar os indivíduos. Como explica em *Segurança, território, população*, o poder pastoral “visa à salvação no outro mundo, mas também à saúde, à subsistência e à salvação neste mundo” (Foucault, 2008, p. 184). É exatamente esse tipo de autoridade que figuras como Profeta Miguel buscam exercer: uma liderança que promete libertação espiritual, proteção moral e direção política.

Ao aplicar os conceitos de Foucault aos discursos proféticos digitais, é possível compreender que sua autoridade não é apenas religiosa, mas profundamente discursiva, performática e política. Essa autoridade se constrói por meio de discursos que produzem verdade, se mantêm em relações difusas de poder, e molda sujeitos obedientes através da subjetivação digital. No ambiente das redes sociais, o profeta não é apenas um mensageiro divino: ele é um operador do poder, e seu discurso é uma ferramenta sofisticada de controle social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender como os discursos proféticos digitais vinculados à bancada BBB vêm sendo construídos, performados e legitimados no ambiente das redes sociais no Brasil contemporâneo. Conforme apresentado na introdução, o trânsito simbólico entre o altar e o algoritmo revela uma profunda transformação nas formas de exercício da autoridade religiosa, que se desloca do espaço físico do culto para os ambientes digitais mediados por algoritmos, estética emocional e estratégias de engajamento. A figura do profeta digital, exemplificada por lideranças como os autointitulados Profeta Miguel e “O Grande Chamado”, emerge como uma personagem central nesse novo ecossistema, articulando discursos que misturam espiritualidade, nacionalismo, moralismo e projetos políticos autoritários.

Na primeira seção, dedicamo-nos a mapear a atuação digital dessas lideranças religiosas, destacando como o ambiente das plataformas digitais se tornou terreno fértil para a expansão de sua influência. A análise mostrou que a lógica do feed, da viralização e da interação constante transforma essas plataformas em extensões do púlpito, onde o discurso religioso ganha formato performático, emocionalmente carregado e estrategicamente alinhado a pautas da chamada bancada BBB. A partir de uma abordagem que integra comunicação e ciência política, evidenciou-se que a presença digital desses líderes não é neutra: ela opera como ferramenta de moldagem de comportamentos e reforço de identidades conservadoras.

A segunda seção aprofundou a análise dos elementos simbólicos, teológicos e políticos presentes nos discursos dessas figuras. A pesquisa revelou como a fusão entre símbolos nacionais e linguagem religiosa — marcada por escatologia, guerra espiritual e moralismo — é usada para construir uma autoridade carismática que transcende o campo espiritual e adentra com força na arena política. A articulação entre patriotismo sacralizado e liderança profética foi interpretada à luz das teorias de autores como José Casanova, Max Weber e Ricardo Mariano, permitindo compreender como esses discursos performam uma teologia da nação e uma política da salvação que justificam tanto a obediência religiosa quanto o apoio político a projetos autoritários e excludentes.

Na terceira seção, tratou-se da função do discurso profético digital como mecanismo de autoridade, controle e mobilização social. A partir das contribuições de Michel Foucault, Judith Butler e Castells, demonstrou-se que o discurso profético atua como tecnologia de poder que molda afetos, regula normas sociais e conduz ações políticas. A linguagem de guerra espiritual, a retórica binária e o apelo emocional criam um campo discursivo no qual o seguidor não apenas crê, mas age politicamente em nome dessa fé. O profeta digital, nesse contexto, é mais do que líder espiritual: é operador de dispositivos simbólicos que disciplinam condutas e produzem militância ideológica em nome de uma causa religiosa-nacional.

Finalmente, na quarta seção, foi aplicada uma leitura foucaultiana da autoridade profética digital, articulando os conceitos de discurso, poder e subjetivação. A análise demonstrou como ela se constrói não apenas pela mensagem proferida, mas pela forma como ela circula, é legitimada e reproduzida coletivamente. A autoridade profética funciona como dispositivo pastoral no sentido foucaultiano, conduzindo a vida dos sujeitos por meio de um poder que se difunde pelas redes, se reafirma pelos algoritmos e se atualiza nas práticas cotidianas dos seguidores. A subjetivação dos fiéis ocorre na medida em que internalizam a vigilância, reproduzem a mensagem e conformam suas condutas ao modelo de fé performedo digitalmente.

Assim entendemos que os discursos proféticos digitais associados à bancada BBB não apenas constroem e legitimam autoridade religiosa e política, mas atuam como dispositivos complexos de poder e saber, que produzem regimes de verdade e organizam



subjetividades em torno de um projeto teopolítico conservador. A análise realizada confirma a hipótese inicial de que tais discursos operam estrategicamente por meio da performance carismática, da apropriação de símbolos nacionais e da lógica algorítmica, disciplinando condutas, regulando afetos e interferindo diretamente na dinâmica democrática. Retomar criticamente essas práticas é um passo fundamental para refletir sobre os limites entre fé e política, liberdade e controle, espiritualidade e poder em tempos de fundamentalismo digital.

Diante desse cenário, esta pesquisa contribui não apenas para o aprofundamento teórico sobre a relação entre religião, mídia e política, mas também para o fortalecimento de um olhar crítico que reconheça os riscos da instrumentalização da fé como ferramenta de dominação simbólica e controle social. Ao situar o debate no campo das ciências humanas, especialmente sob a ótica de Michel Foucault, este estudo reforça a importância de pensar a religião não como esfera à parte, mas como um dos campos fundamentais onde se travam as disputas contemporâneas por poder, verdade e subjetividade.

Diante da complexidade e da força mobilizadora dos discursos proféticos digitais analisados, não é possível encerrar esta pesquisa sem reconhecer o impacto subjetivo que esse processo provoca, não apenas nos seguidores diretamente influenciados por tais narrativas, mas também em nós, pesquisadores e cidadãos, afetados por um ambiente onde a fé se tornou campo de batalha simbólica e política. O altar digital não é neutro; ele acolhe, converte, governa e também silencia. Ele molda sensibilidades, direciona escolhas e delimita o que é considerado verdade. É um território onde se joga, com intensidade e sutileza, a luta pelo imaginário coletivo do país.

No entanto, é também nesse mesmo ambiente digital, marcado por algoritmos, polarizações e guerras espirituais, que residem as brechas para a resistência. Se a fé tem sido instrumentalizada para o controle, ela também pode ser mobilizada para o cuidado, para a escuta, para o acolhimento da diferença. A superação desse ciclo teopolítico de dominação requer mais do que denúncias: exige a construção de alternativas simbólicas, éticas e afetivas que devolvam à espiritualidade seu caráter plural, democrático e libertador.

É necessário fomentar espaços digitais e presenciais onde o sagrado não seja usado como arma, mas como ponte, onde o discurso religioso possa coexistir com o pensamento crítico, o dissenso e os direitos humanos. A descolonização do imaginário político-religioso passa por um investimento em práticas comunicativas mais transparentes, educativas e inclusivas, capazes de desafiar a lógica do medo e do inimigo e, em seu lugar, cultivar a ética da escuta e da convivência. Esta pesquisa, ao iluminar um fragmento dessas dinâmicas, se insere também como gesto de resistência e esperança: esperança de que é possível reencantar o discurso religioso sem submetê-lo à lógica do domínio; esperança de que a fé, quando liberta do autoritarismo, ainda possa ser uma força para o comum, para a justiça e para a liberdade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Raimundo. *Evangelicalism and politics in Latin America: The Chilean and Brazilian cases in comparative perspective*. Journal of Latin American Theology, v. 16, n. 2, 2021, p. 95–114.

BECKER, Howard. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1963.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, sofrimento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BIRON, Rebecca. *Religião e política na América Latina: entre o neopentecostalismo e o populismo*. São Paulo: Edusp, 2020.

BOFF, Leonardo. *Fundamentos de uma espiritualidade ecológica: a grande transformação*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROWN, Wendy. *Regulating Aversion: Tolerance in the Age of Identity and Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASANOVA, José. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Religião e política: uma análise da atuação de evangélicos na política brasileira*. São Paulo: Recriar, 2017.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2006.

DI FELICE, Massimo. *Redes digitais e sustentabilidade: as novas comunidades de sentido*. São Paulo: Paulus, 2014.

DUARTE, Eduardo. *A fé na era do algoritmo: religião e política nas redes sociais*. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury, 2015.
- HOOVER, Stewart. *Religion in the Media Age*. London: Routledge, 2006.
- MAFRA, Clara. *Neopentecostalismo e mídia: a economia simbólica das igrejas no Brasil contemporâneo*. In: **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 54, 2019, p. 61-83.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- RODRIGUES, Rafael. *Profetas em tempo real: carisma, tecnologia e presença digital na religião brasileira*. Campinas: Papyrus, 2021.
- SILVA, Débora M. da. *Entre a cruz e o smartphone: evangélicos e cultura digital no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2020.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: EdUnB, 2004.